

Relações sociais, violência e cultura: torcidas organizadas brasileiras sob a perspectiva da psicologia social

Social relationships, violence, and culture: Brazilian organized fan group from the perspective of social psychology

Ingrid Bertollini Lamy¹, Gabriel Rebouças Capriolli², Guilherme Silva Fernandes de Paula³, Nicholas Formigari Nogueira⁴

Resumo

O objetivo deste estudo é investigar as dinâmicas das relações sociais desenvolvidas nas torcidas organizadas (TOs) brasileiras; compreender as práticas de violência dessas coletividades a partir de uma perspectiva multifatorial; e captar as expressões culturais e políticas que marcam a existência grupal dessas instituições. Trata-se de uma revisão narrativa que aborda a temática de forma interdisciplinar, fundamentando-se nas obras de Carlos Alberto Pimenta, com sua contribuição relacionada às TOs, e de teorias em psicologia social, como as teorias de Sigmund Freud e Silvia Lane. Combinando essas referências com uma ampla gama de outros aportes teóricos, o estudo discute as relações sociais entre os membros das TOs, suas interações com setores midiáticos e autoridades policiais, além da violência e de expressões culturais como aspectos coletivos de identidade e subjetividade. Por fim, o perfil masculinista, jovem e periférico das TOs revela uma profunda associação com as questões sociais brasileiras da década de 1990, destacando que essas coletividades são moldadas pela construção da identidade grupal sob circunstâncias psicossociais específicas.

Palavras-chave: Relações sociais; Violência; Cultura.

Abstract

The aim of this study is to investigate the dynamics of social relationships developed within Brazilian organized supporter groups (TOs); to understand the practices of violence by these collectives from a multifactorial perspective; and to capture the cultural and political expressions that characterize the group existence of these institutions. This is a narrative review that approaches the subject in an interdisciplinary manner, based on the works of Carlos Alberto Pimenta, with his contributions related to TOs, and on social psychology theories, such as those of Sigmund Freud and Silvia Lane. Combining these references with a wide range of other theoretical inputs, the study discusses the

¹ Mestrado em Ciências da Saúde pelo Centro Universitário FMABC, Santo André, São Paulo, Brasil. Docente do Centro Universitário FMABC, Santo André, São Paulo, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8025-9578>. E-mail: ingridblamy@gmail.com

² Graduando em Psicologia no Centro Universitário FMABC, Santo André, São Paulo, Brasil. Participante do Programa de Iniciação Científica do Centro Universitário FMABC, Santo André, São Paulo, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-2728-4915>. E-mail: gabriel.capriolli@aluno.fmabc.net

³ Graduando em Psicologia no Centro Universitário FMABC, Santo André, São Paulo, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-9348-2906>. E-mail: guilherme.paula@aluno.fmabc.net

⁴ Graduando em Psicologia no Centro Universitário FMABC, Santo André, São Paulo, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-3843-4337>. E-mail: nicholas.nogueira@aluno.fmabc.net

social relationships among TOs members, their interactions with media sectors and police authorities, as well as violence and cultural expressions as collective aspects of identity and subjectivity. Finally, the masculine, young, and peripheral profile of TOs reveals a deep association with Brazilian social issues of the 1990s, highlighting that these collectives are shaped by the construction of group identity under specific psychosocial circumstances.

Keywords: Social relationships; Violence; Culture.

Introdução

As torcidas organizadas brasileiras de futebol (TOs) se popularizaram na década de 1960, sendo consequência de uma expressão espontânea do crescente público nos estádios durante o século XX. No início, a motivação para unir torcedores era exclusivamente a paixão pelo clube do coração e, com isso, o surgimento dessas torcidas como instituição foi balizado pela união dos semelhantes (Correia Sobrinho; Cesar, 2013). Nesse sentido, a primeira torcida proveniente dessa lógica de unificação foi a “Charanga do Flamengo”, que nasceu na década de 1940, contudo, também há registros de agrupamento dos torcedores são-paulinos no final de 1939 (Pimenta, 1997).

Sob esse contexto, as conexões de sujeitos que torcem pelo mesmo time de futebol passaram por um processo de transfiguração nos aspectos de identidade e estilo de vida, de modo a aprofundar as relações sociais permeadas pelas TOs. A partir da década de 1980, os estádios de futebol no Brasil foram ocupados por uma nova categoria de público: os torcedores que, além de apoiarem os jogadores em campo, entoavam cânticos próprios, padronizavam a vestimenta e rivalizavam com apoiadores de outros clubes de maneira mais violenta. Dessa forma, tais características organizativas passaram a ser conduzidas por uma estrutura que tem estatuto institucional, uniforme, quadro de sócios e responsabilidades atribuídas individualmente (Pimenta, 1997). O fenômeno organizacional, portanto, foi definido por Toledo (1996) como “estilo de vida clubístico”, que influencia o cotidiano dos membros e tem seu auge em atividades relacionadas ao clube ou à instituição que se faz parte.

Com isso, torna-se imperiosa a compreensão dos detalhes dos comportamentos coletivos

dos membros das torcidas organizadas inseridos no corpo social, uma vez que são numerosos e expõem as agonias históricas e sociais da contemporaneidade brasileira. Nesse aspecto, a violência praticada dentro e fora dos estádios por esses agrupamentos pode ser discutida a partir do prisma das relações sociais, que revelam-se indissociáveis das transformações políticas, econômicas e culturais do contexto em que incidem. Além disso, a alta adesão entre os jovens e a profunda capacidade de aglutinação dos iguais, permeadas pelas TOs, trazem à luz as complexidades envolvidas nas questões de identidade, pertencimento e coletividade na conjuntura urbana (Lane, 1981a; Pimenta, 2000).

Por outro lado, as expressões coletivas evocadas pelos torcedores organizados não se relacionam somente com violência, já que são delineadas também por vivências artístico-culturais e posicionamentos político-sociais diversos. Com isso, o histórico de participações político-sociais das TOs em diferentes perspectivas ideológicas é intrinsecamente associado ao surgimento de muitas em meio à ditadura civil-militar, um contexto que expôs as insatisfações da juventude em relação às opressões do governo militar à época (Ober; Aguilera, 2022). Outrossim, de acordo com Santos (2021), a música tem uma importante relação com o desenvolvimento da identidade dos integrantes de uma TO, constituindo-se, portanto, em um importante fator para as manifestações culturais observadas nos carnavais e nas arquibancadas.

Método

Delineamento do estudo

Trata-se de uma revisão narrativa, realizada entre 2023 e 2024, de obras que contribuem para

a compreensão das torcidas organizadas enquanto um fenômeno coletivo-social, sendo incluídas diferentes áreas das Ciências Humanas e Sociais em uma perspectiva interdisciplinar.

Seleção e síntese da bibliografia coletada

Se propõe a discussão do estado da arte das TOs através de uma gama ampla e diversificada de referenciais teóricos (Rother, 2007), sendo agrupados e divididos em duas categorias: uma das produções das Ciências Sociais acerca das TOs e suas questões transversais, e outra relacionada à psicologia social em suas concepções sobre os grupos. Com isso, foram reunidos artigos científicos selecionados a partir de busca ativa e manual na base de dados SciELO (Scientific Electronic Library Online) e de outras obras relevantes para confecção deste trabalho.

Referenciais teóricos

Torcidas Organizadas de Futebol: violência e auto-afirmação – aspectos da construção das novas relações sociais (Pimenta, 1997)

A partir da delimitação da temática, o entendimento central das TOs em meio ao corpo social brasileiro teve como base as análises de Carlos Alberto Pimenta (1997) acerca das origens dessas instituições, da violência enquanto uma plataforma condutora de comportamentos coletivos e das relações sociais urbanas presentes nas décadas de 1980 e 1990. Com isso, a obra permitiu o conhecimento e a análise do estado da arte sob o contexto do auge das torcidas organizadas brasileiras, carregando uma importante carga de pioneirismo nessa questão no país. Ademais, a obra de Pimenta (1997) teve a função de conectar o presente estudo com outras referências bibliográficas relativas às TOs, como Toledo (1996) e Pimenta (2000), além daquelas que ofertam reflexões sobre temáticas transversais às TOs por um prisma sociológico e antropológico, tal qual Buford (1992), Foucault (1979), entre outros.

Psicologia social

As reflexões acerca da construção sócio-histórica das relações permeadas pela união grupal e do contexto cultural brasileiro na popularização das TOs trouxeram à luz a necessidade da discussão dessas instituições enquanto um fenômeno grupal. Nesse sentido, o olhar psicanalítico, mediante às obras fundantes em psicologia social, foi utilizado como enfoque condutor nos entendimentos dos comportamentos coletivos e dos aspectos psicossociais que circundam a violência e expressões culturais. Além disso, as concepções primordiais de Sigmund Freud (2013a, 2013b) sobre a “massa” propiciaram uma rede de ideias que contribuem para o debate conjuntural na perspectiva da psicodinâmica, como Santos (2009), Ciampa (2002) e Adler (1967). Entretanto, a partir da constituição da psicologia social enquanto uma plataforma de análise do ser humano em contexto coletivo, outros conceitos se tornaram importantes para a discussão da temática, incluindo Lane (1981b) para a apreciação do contexto latino-americano sob um olhar crítico, Pichon-Riviere (2000) e outros acerca dos processos grupais, e Jodelet (2017) sobre as representações sociais, entre outros.

Resultados e discussões

Masculinismo, neoliberalismo e poder: as relações sociais das torcidas organizadas

Sob a apreciação de uma contemporaneidade marcada por intensas trocas informacionais, consumismo exacerbado e novas concepções socioeconômicas, é necessário o entendimento do dinamismo das subjetividades, coletividades e relações sociais perante o contexto social, histórico, econômico e cultural em que incidem (Lane, 1981a; Santos, 2003). Com isso, apreende-se a hegemonia do sexo masculino entre os integrantes das TOs (Hollanda; Medeiros, 2019) como sendo um dos fatores fundamentais para seu funcionamento grupal, uma vez que faz parte de seu constructo sócio-histórico mediante o desenvolvimento masculinista do

futebol brasileiro enquanto um fenômeno conjuntural (Freitas, 2007; Lane, 1981a). Nesse sentido, as relações interpessoais do esporte mais popular do Brasil são historicamente marcadas por segregação de gênero, uma vez que a prática e a participação são vistas como um símbolo da virilidade masculina e heterossexual (Kessler, 2012).

Para além da questão de gênero, as condutas neoliberais do século XX tiveram centralidade ímpar na construção de novas relações sociais no Brasil, traduzidas em novas formas de coletividades – dentre elas, as torcidas organizadas. Nesse aspecto, evocou-se um regime de competição, de concorrência e de desorganização da conjuntura, de modo a reconfigurar as identidades sociais e as emocionalidades em uma tendência individualista, especialmente entre as classes menos favorecidas (Pimenta, 1997; Safatle; Silva Júnior; Dunker, 2021). Assim, as subjetivações passaram a ter o papel de contornar o enfraquecimento do tecido social brasileiro através de condutas violentas, pelas quais as agonias da classe trabalhadora encontram acolhimento em meio às especificidades urbanas, consequente do êxodo rural e do crescimento industrial desenfreado (Parpinelli; Fernandes, 2011; Pimenta, 1997).

A partir dos aspectos fundantes das TOs na qualidade de um fenômeno grupal, a estruturação dos recursos humanos se apresenta sob forma burocrática entre cargos, funções e hierarquias, concernentes à natureza privada dessas instituições (Pimenta, 1997). Dessa forma, tais relações de poder e influências estão presentes no âmago das uniformizadas, se constituindo de maneira enrijecida entre os membros e propiciando a todos os componentes da torcida um panorama em que os cargos e suas respectivas funções determinam a hierarquia – tal qual um “grupo-objeto” (Loureau, 1975). Sob o enfoque dialético de Pichon-Rivière (2000), é possível o entendimento de que entidade se constitui de integrantes que estão conectados através da mutualidade das representações internas que se traduzem em tarefas com objetivos em comum. Por outro lado, Calderón e Góvia (1978) trazem o conceito de “Grupo Operativo” que, nas atividades

das TOs, a necessidade de os componentes saciarem suas satisfações através da violência, festa ou outras vivências fundamenta a existência grupal (Pimenta, 1997).

Ademais, a criação das TOs perante à demanda de autoproteção contra a agressividade de rivais pode ser uma consequência direta das influências ideológicas e institucionais dos governos militares que impulsionaram a violência débil à época (Pimenta, 1997). Seguindo a perspectiva de Elias e Dunning (2019), os comportamentos emocionais relacionados ao contexto social do futebol são paralelos àqueles vistos em guerras e, dessa forma, é possível que as hierarquias das TOs sejam estruturalmente organizadas em um estado de defesa constante. Nesse sentido, Pimenta (1997) cita o termo “não democratização” para definir as relações de poder e influência, além disso, analisa que as motivações para a manutenção dessa lógica hierárquica sobrassem do constante estado de alerta em relação aos rivais: a preocupação do grupo de elite em não democratizar as decisões nas ‘Organizadas’, nos leva a três aspectos: (a) – o poder pelo poder; (b) – a cultura autoritária que permanece presente e se diluiu nas relações sociais; (c) – o poder econômico (Pimenta, 1997, p. 79).

No que se refere às motivações trazidas pelo autor, “poder pelo poder” é uma expressão que busca demonstrar o inerente afeto humano em realizá-lo, isto é, uma unidade psíquica básica – que, em Friedrich Nietzsche (2008), é denominada de vontade de poder. Sob a análise da psicologia individual de Alfred Adler (1967), a busca pela superioridade individualista relacionada às tomadas de decisões, a cargos e à influência se mostra uma perversão neurótica, uma vez que não segue um senso de cooperação coletiva em um contexto grupal. Por último, a cultura autoritária que se instala nas relações sociais é parte do constructo sócio-histórico das TOs associado ao surgimento dessas em plena ditadura civil-militar e, devido ao dinamismo da realidade socioeconômica atrelada ao consumismo, o mantimento de tais relações de poder ocorre também pela capacidade de receita dessas organizações (Pimenta, 1997).

A mídia, a polícia e as leis

Diante da compreensão das relações sociais que se desenvolvem dentro das TOs, é notória a complexidade da maneira tal como esses componentes se relacionam com agentes externos à sua existência, como autoridades policiais, setores midiáticos e a representatividade das leis (Pimenta, 1997). Dessa forma, os comportamentos coletivos evocados por membros dessas instituições não estão dissociados do funcionamento conjuntural no qual estão inseridos, portanto, é inevitável que haja o desenvolvimento de discursos que visam o entendimento de atitudes agressivas e violentas para possíveis soluções para a problemática. Todavia, é observado que as reflexões trazidas por jornalistas e policiais acerca dessas problemáticas não abrangem as influências sociais, culturais, econômicas e históricas que atingem as TOs e, consequentemente, não consideram os aspectos psicossociais relacionados às angústias, frustrações, satisfações e excitações (Pimenta, 2000).

Sob o aspecto das autoridades e da legislação, as atitudes transgressoras vistas em situações diversas evidenciam que, em uma realidade de desamparo social e de falta de direitos, o uso personalista de códigos destinados a atenuar comportamentos transgressores e violentos das TOs resulta na perpetuação das mesmas atitudes que se pretendia combater, uma vez que essas leis revelam-se ambíguas para os torcedores (Agamben, 2004). Nesse sentido, há o enfraquecimento da legislação que incide sobre tais comportamentos, por conseguinte, os representantes da lei – sejam as polícias, ministérios públicos ou qualquer outra instituição que representa o Estado – não são suficientes para o cumprimento das regras (Santos, 2009).

Portanto, deve-se atenção às repressões estatais no combate às TOs como forma de resposta ao descumprimento das regras, apoiando-se em uma violência comumente promovida pelos agentes policiais e expondo uma relação tensionada por abuso de autoridade e desproporcionalidade do controle institucional (Alvito, 2013). Seguindo a perspectiva de Foucault (1979) acerca do caráter

disciplinar da sociedade sob a figura de autoridades legislativas, o poder estatal constitui-se na vigilância constante sobre os cidadãos e, assim, controla comportamentos sociais para que saiam como esperado. Nesse sentido, é evidente que o nível de cumprimento ou transgressão às regras diz respeito à mediação entre a queda das forças representativas das leis elucidadas por Agamben (2004) e a capacidade do Estado de vigiar e reprimir os atores das torcidas num contexto marcado pela coletividade (Foucault, 1979).

No que concerne ao relacionamento com a mídia, é importante entender que o debate público promovido pelos canais de informação hegemônicos contribui para a discriminação das torcidas organizadas enquanto um setor da sociedade civil. Em vista disso, jornalistas abordam situações de conflitos e violência como resultados relacionados à falha de caráter ou moral – trazendo a perspectiva de que o componente uniformizado deve ser combatido na essência de sua existência grupal. Em relação à origem desses discursos jornalísticos, o embate ocorrido em 1995 entre Mancha Verde (Palmeiras) e Torcida Independente (São Paulo), dentro do campo do estádio do Pacaembu e após a final da Supercopa dos Juniores, foi considerado um divisor de águas no que tange ao tratamento da mídia, sendo definido pelos jornais da época como “Batalha campal do Pacaembu” (Lopes, 2013).

Sob a análise de Moreira (2010), há de se compreender o papel central das grandes empresas de informação na construção das subjetividades humanas e na transformação das relações sociais, uma vez que são capazes de adentrar-se no psiquismo do ser humano contemporâneo. Em diálogo com a concepção de representação social, cunhada por Jodelet (2017), a estigmatização das TOs por parte da população é ativamente elaborada pela abordagem das mídias sobre a temática a partir de conteúdos cognitivos, no entanto, tais influências devem ser entendidas no âmbito ideológico também. Por fim, para Lopes (2013), tal contexto midiático afeta diretamente a identidade do torcedor organizado, visto que um integrante pacífico tem sua imagem contaminada pela de outro violento,

podendo ser influenciado e ter seus comportamentos transformados.

‘Obá, obá, futebol e porrada’: a violência das torcidas organizadas

As práticas violentas atribuídas às TOs não devem ser entendidas como um aspecto unidirecional de causa-consequência, pois se compõem de questões socioeconômicas e políticas que abarcam, de modo dialético, as subjetividades humanas envolvidas no âmago da contemporaneidade (Pimenta, 2000). Desse modo, o surgimento e crescimento de parte significativa dessas instituições sob ordens governamentais subversivas às necessidades humanas trazem à luz a concepção de atos agressivos permeados nas relações sociais, incrustados no processo de pertencimento social e associados à proteção e solidariedade entre os iguais. Portanto, em uma realidade contemporânea aviltada pelas problemáticas urbanas, disparidades socioeconômicas e atomização social, a agressividade é adotada por membros organizados como uma nova forma de identidade coletiva (Araújo, 2021; Elias; Dunning, 2019; Pimenta, 1997).

Nesse aspecto, as problemáticas relativas às vivências socioespaciais urbanas, abarcadas por uma profunda fragmentação social, associadas às TOs (Sposito; Sposito, 2020), corroboram o desenvolvimento de uma mentalidade coletiva de “Eu e o Outro” (Santos, 2009), na qual o elemento da dignidade humana é desconsiderado em favor do coletivo. Com a consequente banalização da violência enquanto prática de expressão das rivalidades, Pimenta (1997), em convergência com Freud (2013b), avalia que esses indivíduos não fariam sozinhos, no cumprimento de seus papéis sociais, o que fazem em determinado contexto grupal, examinando a ausência do senso de responsabilidade para satisfazer o desejo existente. É importante entender, portanto, que a não sublimação do impulso violento dentro do ecossistema das TOs tem a capacidade de integrar as ações de violências como parte fundamental da experiência coletiva desse contexto (Freud, 2013b).

Ainda sob o entendimento da coletividade, a idolatria e defesa da simbologia das TOs por parte de seus membros, as normatizações morais dos comportamentos coletivos relacionados às brigas, a natureza ritualística de atos violentos e a relação dessas circunstâncias com as agonias sociais, revelam a complexidade sociocultural que envolve a problemática de tais agrupamentos (Pimenta, 1997). Nesse ponto, a violência se estabelece como parte neurótica das atividades coletivas, uma vez que se resulta de um processo afetivo definidor da coesão grupal pelo qual se busca o domínio, mas também cumpre o papel de externalizar tensões psíquicas a partir dos conflitos primitivos em oposição a rivais (Freud, 2013a). A partir da liberação de frustração acumulada e da importante fonte de influência que a ordem social produz nas subjetividades, o frequente direcionamento dos comportamentos agressivos pode ser entendido como uma necessidade de satisfação imediata, de natureza superegoica, permeada nas sociedades contemporâneas (Silva Júnior; Besset, 2010). Em diálogo com os conceitos de Freud (2013b) e das análises de Silva Júnior e Besset (2010), Buford (1992) ilustra o processo de júbilo comum à agressividade e ao excesso:

Eles fazem isso pela mesma razão por que outra geração bebeu em excesso, fumou em excesso, ou ingeriu drogas alucinógenas ou se comportou de forma rebelde. A violência é pontapé anti-social, sua experiência de alteração de consciência, uma euforia movida a adrenalina que pode ser tanto mais poderosa porque gerada pelo próprio corpo (Buford, 1992, p. 198-199).

Além disso, é evidente que, nas dinâmicas sociais do futebol, existe uma sobrecarga emocional inerente ao jogo que afeta os espectadores, portanto, Pimenta (1997) entende que o referido esporte funciona como um estimulador de tensões e conflitos. Entretanto, esse papel é aflorado a partir do processo de transformação das relações sociais em um fenômeno individualizante, proporcionado por um eixo sociogovernamental o qual incide na cultura e nas subjetivações (Safatle; Silva Júnior;

Dunker, 2021). Diante do contexto antropológico do futebol, o constructo de masculinidades contribui, concomitantemente, para o entendimento da violência entre as TOs, pois estão inseridas em valores culturais que compreendem as vivências masculinas associadas a uma suposta virilidade e agressividade (Souza, 2005).

Expressões culturais e subjetividades nas torcidas organizadas

A maneira como as TOs se expressam é diretamente conectada à lógica de renúncia da identidade individual para que seja prevalecida a identidade grupal (Le Bon, 2019), dessa maneira, o uso de roupas e acessórios associados a essas instituições faz parte da construção de pertencimento coletivo. Dessa forma, o fenômeno cultural das TOs está inserido numa sociedade baseada no desejo consumista e, portanto, ampara-se num sentimento estético-lúdico na utilização do que denomina-se frequentemente de “farda” e “patrimônio” (Pimenta, 1997). Segundo Morin (1977), em uma conjuntura de consumo massificado, novos padrões comportamentais são fomentados através da ‘indústria cultural’, que produz e reproduz as tendências juvenis nos centros urbanos.

Dessa forma, a identidade social desses jovens é afetada pelo sentimento de pertencer a uma TO, de modo a abarcar a unificação dos semelhantes e prevalecer o ideal de superioridade sobre outros grupos e pessoas (Santos, 2009). Sob a concepção da ‘sociedade do espetáculo’, de Debord (2007), entende-se que os torcedores organizados pensam sua participação como parte fundamental do espetáculo futebolístico, assim, buscam ser superiores aos rivais através de bandeiras, cantos, instrumentos e violência. Em relação às práticas violentas, inclusive, é importante a compreensão de sua dimensão cultural, uma vez que são comportamentos aprendidos, cultivados e inseridos no contexto social (Marcondes Filho, 2001).

No que diz respeito ao processo de formação identitária relacionada a essas expressões culturais, é evidente que os integrantes das TOs buscam se

referenciar em outros semelhantes para se interpretarem enquanto sujeitos individuais e sociais (Mead, 1973 *apud* Miranda, 2014). Por outro lado, o entendimento de Ciampa (2002) é que há um processo dialético envolvido nas mudanças identitárias, ou seja, existem contradições as quais ao mesmo tempo se totalizam nos detalhes das relações sociais. Nesse sentido, o espaço-limite da contradição entre violência e festa se tornou uma importante questão de reflexão para os integrantes das TOs, já que há uma tendência de conscientização dos excessos nos conflitos e a necessidade de imposição nas arquibancadas (Araújo, 2021).

Sob o contexto sócio-histórico das TOs, faz-se fundamental o entendimento das posições políticas e de suas expressões artístico-culturais à luz da psicologia social crítica (Ober; Aguilera, 2022). Em vista disso, os cânticos de arquibancada revelam-se uma importante plataforma de expressão cultural, transmitindo senso de pertencimento entre diferentes gerações sob a realização grupal de tais artes – observada, especialmente, através do Carnaval (Santos, 2021). Para além das canções coletivas em detrimento da violência (Araújo, 2021), os posicionamentos políticos atravessam a história dessas instituições a partir da negação do *status quo*, evocando a capacidade de transformação das identidades coletivas mediante o desejo de mudança social numa ótica igualitária e justa (Ober; Aguilera, 2022).

Portanto, o caráter contraditório e popular das TOs mostra que, apesar de estarem fundamentadas na lógica violenta de microguerrilhas (Pimenta, 1997), estão profundamente conectadas com as expressões musicais e, conseqüentemente, com o Carnaval (Santos, 2021). Para Damatta (1994), tais componentes culturais se aproximam do futebol porque subvertem a lógica utilitarista burguesa e são símbolos materiais de entretenimento e descanso da rotina marcada pela busca pelo lucro. Nesse sentido, Karl Marx (2014) analisa que as culturas são conseqüentes das complexas relações sociais permeadas pela luta de classes e, na realidade sócio-histórica da musicalidade brasileira, os torcedores organizados se veem representados

em suas agonias psicossociais, seus desejos e suas angústias pessoais através da participação nessas atividades – que também permeiam a construção de novas identidades coletivas (Santos, 2021).

Conclusão

As torcidas organizadas brasileiras resultam de metamorfoses sociais que ocorreram em décadas passadas e ainda ocorrem atualmente, permeando as vivências de sujeitos periféricos os quais tiveram sua juventude assaltada por problemas produzidos no âmago da conjuntura nacional. Nesse sentido, as subjetividades – carecidas de contextos dignos e referenciais coletivos saudáveis – passaram a encontrar nessas instituições uma forma de vivenciar e, talvez, ganhar o jogo social em que estão envolvidas, de modo a tensionar suas ações e expressões identitárias em prol de uma suposta dominação grupal. Sob forma agressiva e violenta, as identidades sociais relacionadas aos tais agrupamentos podem constituir em um rico debate acerca da formulação de masculinidades em uma conjuntura que adota a violência enquanto ferramenta de (sobre)vivência; transformam seres sociais em seres individualizantes e balizam as relações sociais sob hierarquizações e concentração de poderes.

Nessa perspectiva, a atomização dos sujeitos perante o corpo social dotado de injustiças sociais, opressões e silenciamento das necessidades humanas reflete em uma relação conflituosa com as autoridades que representam o Estado e a legislação associadas. Ou seja, os torcedores organizados – expostos às problemáticas urbanas contemporâneas – não entendem a seriedade de seus deveres sociais, pois pouco conhecem as circunstâncias positivas que os direitos que lhes foram negados poderiam propiciar. Além disso, a mídia possui um papel importante na desagregação dos membros das torcidas organizadas em seu contexto de convívio, pois intermediam a opinião pública através da simplificação de discursos associados à criminalização desses sujeitos, e, desse modo, subvertem sua identidade social e amplificam as atitudes rebeldes e antissociais.

Com o estabelecimento de relações sociais marcadas por vivência hostis e o desenvolvimento de comportamentos subversivos às autoridades, a violência passa a ser uma das características mais marcantes relacionadas às TOs, tornando-se um objeto de interesse da mídia e um problema dos dias atuais. Dessa maneira, a multifatorialidade das questões conjunturais e o consequente processo de desenvolvimento grupal demarcam fontes fundantes daquilo que se pode denominar de “subcultura” – agrupamentos atomizados de atividades ritualísticas próprias, identidades coletivas únicas e uma busca do excesso, manifestadas em movimentos ideológicos, musicais, religiosos ou, finalmente, nas TOs. Nesse ponto de vista, os atos de agressividade são um importante aspecto de satisfação libidinal e de escape de emoções angustiantes, sendo realizados coletivamente devido ao aceite moral das atividades por parte dos atores sociais dessas instituições.

Sob a transcendência dos objetivos iniciais associados ao surgimento das TOs, das simbologias construídas e fomentadas em torno desses agrupamentos e dos comportamentos incompatíveis com a coesão social, existe uma dinâmica cultural atrelada às vestimentas, à tradição das festas nas arquibancadas e das brigas. Em caráter dialético, a contradição dessas instituições se consolida na busca da diminuição de contextos conflituosos, frequentemente denominados de pista, em detrimento àqueles festivos, de modo a capacitar transformações positivas na identidade social dos membros das TOs. Nesse contexto, entende-se que tais entidades têm capacidade de ressignificar-se em suas atitudes, embora ainda tenham sua identidade coletiva profundamente atrelada à violência e a atos subversivos, além de atribuir à superioridade de uns sobre os outros como cerne de suas atividades.

Por fim, as temáticas tangentes às TOs abordadas por este artigo contribuem para o entendimento de um fenômeno social que mudou, de forma significativa, a relação do brasileiro com seu esporte predileto, uma vez que essas instituições participam ativamente do jogo a ser decidido em campo. Entretanto, percebe-se a necessidade de

maior aplicação da psicologia social para o aprofundamento das questões relativas às subjetividades que incidem nas TOs, já que existem potencialidades no que tange ao processo de transformação das relações sociais abarcadas pela hostilidade e violência. Portanto, se propõe a continuidade dos estudos da temática para uma melhor apreensão do tipo sociocultural contemporâneo e, assim, evocar novas possibilidades de contribuições das Ciências Sociais e Humanas em relação às questões expostas pelo estudo.

Referências

- ADLER, A. *A ciência da natureza humana*. 6. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967.
- AGAMBEN, G. *Estado de exceção*. São Paulo: Boitempo, 2004.
- ALVITO, M. Maçaranduba neles! Torcidas organizadas e policiamento no Brasil. *Tempo*, São Paulo, v. 19, n. 34, p. 81-94, jan. 2013. DOI: 10.5533/TEM-1980-542X-2013173408.
- ARAÚJO, H. M. Entre a “pista” e a “arquibancada”: identidades, mediações culturais e a construção de uma cidadania torcedora. *Esporte e Sociedade*, Rio de Janeiro, ano 14, n. 34, p. 1-22, dez. 2021. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/esportesociedade/article/view/51314/30788>. Acesso em: 18 jun. 2024.
- BUFORD, B. *Entre os vândalos: a multidão e a sedução da violência*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- CALDERON, J. F.; GOVIA, G. C. C. *El grupo operativo: teoria y practica*. Ciudad de Mexico: Ex-temporaneos, 1978.
- CIAMPA, A. C. Políticas de identidade e identidades políticas. In: DUNKER, C. I. L.; PASSOS, M. C. (org.). *Uma psicologia que se interroga: ensaios*. São Paulo: Edicon, 2002. p. 120-135.
- CORREIA SOBRINHO, J.; CÉSAR, I. H. Torcidas organizadas de futebol: metamorfoses de um fenômeno de massa. *Inter-Legere*, Natal, n. 3, dez. 2013. Disponível: <https://periodicos.ufrn.br/interlegere/article/view/4774>. Acesso em: 9 maio 2023.
- DAMATTA, R. Antropologia do óbvio: notas em torno do significado social do futebol brasileiro. *Revista USP*, São Paulo, n. 22, p. 10-17, ago. 1994. DOI: 10.11606/issn.2316-9036.v0i22p10-17.
- DEBORD, G. *A sociedade do espetáculo e outros textos*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2007.
- ELIAS, N.; DUNNING, E. *A busca da excitação: desporto e lazer no processo civilizacional*. Coimbra: Edições 70, 2019.
- FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Tradução de Roberto Machado. São Paulo: Graal, 1979.
- FREITAS, M. Futebol e construção da subjetividade masculina: leituras da psicologia social. *Revista Brasileira de Psicologia do Esporte*, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 1-19, dez. 2007. DOI: <https://doi.org/10.31501/rbpe.v1i1.9263>.
- FREUD, S. [1900] *A interpretação dos sonhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- FREUD, S. [1913] *Totem e tabu: alguns pontos de concordância entre a vida mental dos selvagens e dos neuróticos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013a.
- FREUD, S. [1921] *Psicologia das massas e análise do eu*. Porto Alegre: L&PM, 2013b.
- HOLLANDA, B. B. B.; MEDEIROS, J. Violência, juventude e idolatria clubística: uma pesquisa quantitativa com torcidas organizadas de futebol no Rio de Janeiro e em São Paulo. *Hydra*, Guarulhos, v. 1, n. 2, p. 97-125, mar. 2019. DOI: <https://doi.org/10.34024/hydra.2016.v1.9135>.
- JODELET, D. *Representações sociais e mundos de vida*. Curitiba: PUCPRESS, 2017.
- KESSLER, C. Se é futebol, é masculino? *Sociologias Plurais*, Curitiba, n. 1, p. 240-254, jun. 2012. DOI: <http://dx.doi.org/10.5380/scplpr.v0i1.64807>.
- LANE, S. T. M. *O que é psicologia social*. São Paulo: Brasiliense, 1981a. (Coleção Primeiros Passos, 39)
- LANE, S. T. M. *Uma análise do processo grupal*. São Paulo: Cadernos PUC, 1981b.
- LE BON, G. *A psicologia das multidões*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2019.

- LOPES, F. T. P. Dimensões ideológicas do debate público acerca da violência no futebol brasileiro. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, Rio de Janeiro, v. 27, n. 4, p. 597-612, out. 2013. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1807-55092013000400008>.
- LOUREAU, R. *A análise institucional*. Petrópolis: Vozes, 1975.
- MARCONDES FILHO, C. Violência fundadora e violência reativa na cultura brasileira. *São Paulo em Perspectiva*, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 20-27, abr. 2001. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-88392001000200004>.
- MARX, K. *O capital*. São Paulo: Veneta, 2014.
- MIRANDA, S. F. Identidade sob a perspectiva da psicologia social crítica: revisitando os caminhos da edificação de uma teoria. *Revista de Psicologia*, Fortaleza, v. 5, n. 2, p. 124-137, jul./dez. 2014. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/psicologiaufc/article/view/1481>. Acesso em: 17 jun. 2024.
- MOREIRA, J. O. Mídia e psicologia: considerações sobre a influência da internet na subjetividade. *Psicologia na América Latina*, Ciudad de México, Belo Horizonte, n. 20, 2010. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-350X2010000200009&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 23 jun. 2024.
- MORIN, E. *Cultura de Massa no Século 20: o espírito do tempo*. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1977.
- NIETZSCHE, F. *Vontade de potência*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.
- OBERG, L. P.; AGUILERA, M. A. S. Cinquenta anos de Gaviões da Fiel sob a ótica da psicologia social. *FuLiA/UFMG*, Belo Horizonte, v. 7, n. 1, p. 7-27, out. 2022. DOI: <https://doi.org/10.35699/2526-4494.2022.36694>.
- PARPINELLI, R. S.; FERNANDES, S. L. Subjetivação e psicologia social: dualidades em questão. *Fractal*, Niterói, v. 23, n. 1, p. 191-204, abr. 2011. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1984-02922011000100013>.
- PICHON-RIVIÈRE, E. *O processo grupal*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- PIMENTA, C. A. M. *Torcidas organizadas de futebol: violência e auto-afirmação, aspectos da construção das novas relações sociais*. Taubaté: Vogal, 1997.
- PIMENTA, C. A. M. Violência entre torcidas organizadas de futebol. *São Paulo em Perspectiva*, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 122-128, abr. 2000. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-88392000000200015>.
- ROTHER, E. T. Revisão sistemática X revisão narrativa. *Acta Paulista de Enfermagem*, São Paulo, v. 20, n. 2, p. 5-7, abr. 2007. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-21002007000200001>.
- SAFATLE, V.; SILVA JÚNIOR, N.; DUNKER, C. (org.). *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico*. São Paulo: Autêntica, 2020.
- SANTOS, J. M. C. M. 'Recordar é viver!': cânticos de torcida, memória e fontes orais. *História Oral*, Niterói, v. 24, n. 2, p. 89-104, set. 2021. DOI: <https://doi.org/10.51880/ho.v24i2.1191>.
- SANTOS, M. B. *Torcidas organizadas de futebol: um estudo sobre os impasses da lei em tempos de violência e anomia*. 2009. 142 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade de Fortaleza, Fortaleza, 2009. Disponível: <https://uol.unifor.br/oul/ObraBdtdSiteTrazer.do?method=trazer&ns=true&obraCodigo=83549>. Acesso em: 16 jun. 2024.
- SANTOS, M. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- SILVA JÚNIOR, J. N.; BESSET, V. L. Violência e sintoma: o que a psicanálise tem a dizer? *Fractal*, Niterói, v. 22, n. 2, p. 323-336, maio 2010. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1984-02922010000800008>.
- SOUZA, E. R. Masculinidade e violência no Brasil: contribuições para a reflexão no campo da saúde. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 59-70, jan. 2005. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-81232005000100012>.
- SPOSITO, E. S.; SPOSITO, M. E. B. Fragmentação socioespacial. *Mercator*, Fortaleza, v. 19, jun. 2020. DOI: <https://doi.org/10.4215/rm2020.e19015>.
- TOLEDO, L. H. *Torcidas organizadas: metamorfoses de um fenômeno de massas*. São Paulo. Autores associados, 1996.

Agradecimentos

À revista *Semina: Ciências Sociais e Humanas* pela oportunidade de compartilhar conhecimentos.

Ao Bruno, Felipe e Gianluca pelos auxílios durante o processo de realização do artigo.

Recebido em: 24 jun. 2024

Aceito em: 31 jul. 2025

